

# Apresentação

Luiza Müller<sup>1</sup>

Bruno Leites<sup>2</sup>

A episteme de uma época é o sistema que institui as condições de possibilidade de um saber, seja o expresso em uma teoria, seja o que se encontra investido em uma prática. Para compreender o seu funcionamento é preciso voltar a atenção ao que lhe é contemporâneo: seus discursos, técnicas e tecnologias, meios e mídias, corporalidades, materialidades, linguagens e expressões. Ou seja, é preciso debruçar-se sobre esse conjunto múltiplo de signos de modo a investigar sua aderência a um dado recorte epistemológico.

Além de dar a ver os códigos de sua época, tais fenômenos empíricos também apontam para as discontinuidades que separam as diferentes epistemes. Considerando tal sistematização como um pressuposto para a constituição de sentido, os códigos agrupam-se de modo a configurar regimes de visibilidade e dizibilidade enquanto agenciamentos coletivos semióticos que, por sua vez, estabelecem limites ao mesmo tempo que multiplicam o que se pode ver, falar e comunicar.

Nesse contexto, Gilles Deleuze alerta que tanto o visível, quanto o enunciável, não são sempre facilmente percebidos: “são até mesmo invisíveis enquanto permanecem nos objetos, nas coisas ou nas qualidades sensíveis, sem nos alcançarmos até a condição que as abre” (Deleuze, 1988, p. 66). Nesta perspectiva, cabe à semiótica pesquisar, descrever e abrir os caminhos para a compreensão de tais regimes. Consideramos que a obra de Michel Foucault (2019; 2020), de sua parte, lega a tais regimes uma questão própria à comunicação, pois são eles que, compondo o arquivo de uma dada época, instituem o comunicável de tal período.

Em sua célebre obra *As Palavras e as Coisas* (1966), Foucault evidencia, justamente, os processos de rompimento do pensamento ocidental consigo mesmo, a começar pela Renascença, marcada pelo ideal da semelhança como sua episteme, passando pela Era Clássica, condicionada pela representação como elo entre a linguagem e o conhecimento e, por fim, a Modernidade enquanto o berço do homem como sujeito e objeto de saber.

Mas, no que diz respeito aos nossos dias, estaríamos a viver uma nova ruptura epistemológica? Quais seriam os regimes de visibilidade e dizibilidade desse novo tempo e como se edificam em seus sentidos e processos semióti-

cos? De que maneira tais regimes se traduzem a partir de objetos sensíveis, como a literatura, a fotografia, o cinema, a publicidade, a arte, as narrativas jornalísticas e outros? A quais rupturas apontam tais objetos?

A décima terceira edição da revista Eikon apresenta 10 artigos unidos sob uma mesma temática: A Semiótica e os novos regimes de visibilidade e dizibilidade. Tal proposta parte de uma provocação a respeito do que pode ser dito, assim como sobre o que pode ser visto, ou seja, o comunicável de nossa época. A diversidade de objetos de estudo nos textos aqui publicados encontra diálogo na problematização dos diferentes regimes de comunicáveis que são observados hoje ou que, do passado, trazem questões relevantes para pensar o presente.

*Memória e esquecimento: os currais da seca no Ceará à luz da Semiótica Cultural*, de Lya Brasil Calvet, Beatriz Rabelo Cavalcante e Vagner Gonzaga Sales Tabosa, resgata um sofrido capítulo da história do estado brasileiro - a criação de campos de concentração para impedir que flagelados da seca adentrassem a capital, Fortaleza, no início da década de 1930. Esse resgate, com base na Semiótica da Cultura, a partir de objetos sensíveis como esculturas e outras obras de arte, é feito de modo a compreender como a linguagem (escrita, sonora ou visual) é arquivo capaz não somente de conservar informação, mas também de operar ressurreições, resgatar dos mortos existências silenciadas, iluminando-as no presente. Também sob a luz da Semiótica da Cultura, em *Semioses de uma cartografia: os coletivos sociais na produção de novos regimes de visibilidade*, Nilton Faria de Carvalho debruça-se sobre as lutas sociais atuais para pensar as dinâmicas de sociabilidade e suas mediações de modo a evidenciar como são capazes de produzir novos regimes de visibilidade.

A partir de uma lógica diacrônica, *Cenas de um casamento: Bergman e as séries de TV*, de João Flores da Cunha, propõe que a minissérie dirigida pelo diretor sueco em 1973 utiliza-se de uma linguagem de séries de TV que seria observada somente no início do século XXI. Já em *A produção comunicacional da escuta da Nona Sinfonia nos jornais brasileiros de 1918*, Cássio de Borba Lucas toma o viés semanalístico de Júlia Kristeva para analisar escutas da Nona Sinfonia de Beethoven enquanto um fenômeno de comunicação, situando este regime circunscrito de visibilidade e dizibilidade de modo a investigar a proliferação de escutas por seus signos e hábitos interpretantes. Rafael Orlandini e Clotilde Perez, por sua vez, no artigo *Os significados dos presentes das marcas para influenciadores digitais e os novos regimes de visibilidade*, abordam os processos contemporâneos de significação agenciados na dinâmica de presentear e os objetos publicitários.

1. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil. Mail: luiza.muller@ufrgs.br

2. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, RS, Brasil. Mail: bruno.leites@ufrgs.br

Os regimes de visibilidade de gênero são trabalhados em dois textos que também exploram o ambiente online. *In/visibilidades de Gênero, Pessoas Trans e Banheiros Públicos*, da pesquisadora Taís Severo, aborda tais agenciamentos em sua relação com o uso de banheiros públicos através de uma etnografia digital realizada nas comunidades de pessoas trans na plataforma de fóruns Reddit. O tema, tomado a partir de uma revisão dos Trans Studies, expressa suas complexas variantes na exigência de uma performatividade de marcadores estereotípicos de gênero agenciada por tais espaços. Já em *Micropolíticas trans-queer: programações de gênero e os devires-outros das montações drag*, as autoras Douglas Ostruca e Nísia Martins do Rosário, também na esteira das micropolíticas trans e queer, reposicionam a noção de montagem conectando-a ao conceito de agenciamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, de modo a investigar como operam as programações de gênero em tutoriais de maquiagem drag publicados no YouTube. De maneira inventiva, o texto ainda apresenta o desdobramento analítico de duas séries divergentes: o devir-drag em Paul B. Preciado e o devir-heteronímico em Fernando Pessoa, descrevendo suas estratégias de desidentificação e despersonalização.

Já os três textos que abrem este dossiê compõem um bloco de reflexão teórica da semiótica para a comunicação. Em *Luz artificial: questões de autoria e escritura na pesquisa em Comunicação*, Fabrício Lopes da Silveira problematiza a necessidade de se pensar uma epistemologia da escrita como etapa essencial para que seja possível pensar uma epistemologia da Comunicação. Arthur Walber Viana, de sua parte, une a Semiótica da Cultura de Iuri Lotman ao princípio da Energia Livre do neurocientista Karl Friston para propor uma comunicação promotora de mudanças, uma comunicação de-formativa. Para Jamer Guterres de Mello e Alexandre Rocha da Silva, o campo da comunicação é objeto de estudo traduzido com base na semiótica. Em *Semiótica crítica: o visível e o enunciável*, os autores apresentam uma arqueologia dos conceitos de comunicação a partir dos dispositivos que os tornam visíveis e/ou enunciáveis, produzindo algo raro: o acontecimento comunicativo e sua subsequente institucionalização.

O novo demanda uma reorganização do que é possível comunicar e que, comunicado, pode ser visto, ouvido, percebido, enunciado e reproduzido. A reconfiguração de dizíveis e visíveis, portanto, não depende apenas de grandes irrupções, pois está também no hábito das práticas cotidianas assim como nas técnicas e teorias desenvolvidas a longo prazo. Nesse âmbito, desejamos a todos uma boa leitura dos artigos aqui apresentados para a problematização (no sentido propriamente foucaultiano do termo - crítica contínua e produtiva) de tais questões.

## Agradecimentos

Os editores convidados agradecem à equipe da Eikon e aos diversos pareceristas que avaliaram os textos submetidos. Agradecem também a todas as autoras e autores que submeteram seus manuscritos para serem avaliados pela comissão editorial.

## Referências Bibliográficas

Deleuze, G. (1988) Foucault. São Paulo: Brasiliense.

Foucault, Michel. (2020) O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Editora Forense.

Foucault, Michel. (2019) História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva.